

Machado de Assis

Memórias póstumas  
de Brás Cubas

*Prefácio de*  
HÉLIO GUIMARÃES

*Estabelecimento de texto e notas de*  
MARTA DE SENNA  
MARCELO DIEGO



P E N G U I N

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do prefácio © 2014 by Hélio Guimarães  
Copyright das notas © 2014 by Marta de Senna e Marcelo Diego

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO  
Lígia Azevedo

REVISÃO  
Carmen T. S. Costa  
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Assis, Machado de, 1839-1908.

Memórias póstumas de Brás Cubas / Machado de Assis ;  
prefácio de Hélio Guimarães ; notas de Marta de Senna e  
Marcelo Diego. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo: Penguin Classics  
Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-8285-001-5

1. Romance brasileiro I. Título.

---

14-07893

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romances : Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Prefácio — Hélio Guimarães	11
Nota sobre o texto	23
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS	25
Dedicatória	27
Prólogo	29
Ao leitor	31
i. Óbito do autor	33
ii. O emplasto	36
iii. Genealogia	38
iv. A ideia fixa	40
v. Em que aparece a orelha de uma senhora	43
vi. <i>Chimène, qui l'eût dit? Rodrigue, qui l'eût cru?</i>	45
vii. O delírio	49
viii. Razão contra sandice	56
ix. Transição	58
x. Naquele dia	59
xi. O menino é pai do homem	62
xii. Um episódio de 1814	66
xiii. Um salto	72
xiv. O primeiro beijo	75
xv. Marcela	78
xvi. Uma reflexão imoral	83
xvii. Do trapézio e outras cousas	84
xviii. Visão do corredor	88
xix. A bordo	90

xx. Bacharelo-me	95
xxi. O almocreve	97
xxii. Volta ao Rio	100
xxiii. Triste, mas curto	102
xxiv. Curto, mas alegre	105
xxv. Na Tijuca	107
xxvi. O autor hesita	110
xxvii. Virgília?	114
xxviii. Contanto que...	116
xxix. A visita	118
xxx. A flor da moita	120
xxxI. A borboleta preta	122
xxxII. Coxa de nascença	124
xxxIII. Bem-aventurados os que não descem	126
xxxIV. A uma alma sensível	128
xxxV. O caminho de Damasco	130
xxxVI. A propósito de botas	132
xxxVII. Enfim!	134
xxxVIII. A quarta edição	135
xxxIX. O vizinho	138
xl. Na sege	140
xlI. A alucinação	142
xlII. Que escapou a Aristóteles	144
xlIII. Marquesa, porque eu serei marquês	145
xlIV. Um Cubas!	146
xlV. Notas	148
xlVI. A herança	149
xlVII. O recluso	153
xlVIII. Um primo de Virgília	155
xlIX. A ponta do nariz	157
l. Virgília casada	159
lI. É minha!	161
lII. O embrulho misterioso	163
lIII. ....	166
lIV. A pêndula	167
lV. O velho diálogo de Adão e Eva	169
lVI. O momento oportuno	170
lVII. Destino	171
lVIII. Confidência	173

LIX.	Um encontro	175
LX.	O abraço	179
LXI.	Um projeto	181
LXII.	O travesseiro	182
LXIII.	Fujamos!	183
LXIV.	A transação	187
LXV.	Olheiros e escutas	190
LXVI.	As pernas	192
LXVII.	A casinha	193
LXVIII.	O vergalho	195
LXIX.	Um grão de sandice	197
LXX.	D. Plácida	198
LXXI.	O senão do livro	200
LXXII.	O bibliômano	201
LXXIII.	O <i>luncheon</i>	203
LXXIV.	História de D. Plácida	205
LXXV.	Comigo	208
LXXVI.	O estrume	209
LXXVII.	Entrevista	210
LXXVIII.	A presidência	212
LXXIX.	Compromisso	214
LXXX.	De secretário	215
LXXXI.	A reconciliação	217
LXXXII.	Questão de botânica	220
LXXXIII.	13	222
LXXXIV.	O conflito	225
LXXXV.	O cimo da montanha	227
LXXXVI.	O mistério	228
LXXXVII.	Geologia	229
LXXXVIII.	O enfermo	231
LXXXIX.	<i>In extremis</i>	234
xc.	O velho colóquio de Adão e Caim	236
xcI.	Uma carta extraordinária	238
xcII.	Um homem extraordinário	240
xcIII.	O jantar	244
xcIV.	A causa secreta	245
xcV.	Flores de antanho	247
xcVI.	A carta anônima	248
xcVII.	Entre a boca e a testa	250

xcviii. Suprimido	251
xcix. Na plateia	253
c. O caso provável	255
cI. A revolução dálmata	257
cII. De repouso	259
cIII. Distração	260
cIV. Era ele!	263
cv. Equivalência das janelas	265
cvi. Jogo perigoso	266
cVII. Bilhete	268
cvIII. Que se não entende	269
cIX. O filósofo	270
cX. 31	273
cXI. O muro	274
cXII. A opinião	276
cXIII. A solda	278
cXIV. Fim de um diálogo	279
cXV. O almoço	280
cXVI. Filosofia das folhas velhas	282
cXVII. O Humanitismo	284
cXVIII. A terceira força	289
cXIX. Parêntesis	290
cXX. <i>Compelle intrare</i>	291
cXXI. Morro abaixo	292
cXXII. Uma intenção mui fina	295
cXXIII. O verdadeiro Cotrim	296
cXXIV. Vá de intermédio	299
cXXV. Epítáfio	300
cXXVI. Desconsolação	301
cXXVII. Formalidade	303
cXXVIII. Na Câmara	305
cXXIX. Sem remorsos	306
cXXX. Para intercalar no capítulo cXXIX	307
cXXXI. De uma calúnia	308
cXXXII. Que não é sério	310
cXXXIII. O princípio de Helvetius	311
cXXXIV. Cinquenta anos	312
cXXXV. <i>Oblivion</i>	314
cXXXVI Inutilidade	316

CXXXVII. A barretina	317
CXXXVIII. A um crítico	320
CXXXIX. De como não fui ministro d'Estado	321
CXL. Que explica o anterior	322
CXLI. Os cães	324
CXLII. O pedido secreto	326
CXLIII. Não vou	329
CXLIV. Utilidade relativa	330
CXLV. Simples repetição	331
CXLVI. O programa	332
CXLVII. O desatino	334
CXLVIII. O problema insolúvel	336
CXLIX. Teoria do benefício	338
CL. Rotação e translação	341
CLI. Filosofia dos epitáfios	343
CLII. A moeda de Vespasiano	344
CLIII. O alienista	345
CLIV. Os navios do Pireu	347
CLV. Reflexão cordial	349
CLVI. Orgulho da servilidade	350
CLVII. Fase brilhante	351
CLVIII. Dous encontros	353
CLIX. A semidemência	354
CLX. Das negativas	356
 Cronologia	357
Outras leituras	367

## Ao leitor

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, cousa é que admira e consterna.<sup>3</sup> O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseguintemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas *Memórias*, trabalhadas cá no

<sup>3</sup> No prefácio da segunda edição (1853) de sua obra *De l'amour* (1822), escrito em 1834, Stendhal (1783-1842) diz ter escrito o livro para cem leitores.

outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

## Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabô: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, ríjos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova:

— Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um

crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet,<sup>4</sup> sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha — um lírio do vale — e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era causa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era apparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção.

— Morto! morto! — dizia consigo.

E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o voo desde o Ilisso às ribas africanas,<sup>5</sup> sem embargo das ruínas e dos tempos — a imagi-

<sup>4</sup> O narrador alude ao ato III, cena 1 da peça *Hamlet*, de William Shakespeare: “The undiscovered country, from whose bourn/ No traveller returns” [O país misterioso de cujas fronteiras nenhum viajante retorna].

<sup>5</sup> As cegonhas do Ilisso figuram no livro *Itinerário de Paris a Jerusalém* (1811), de Chateaubriand. A viagem das cegonhas consta no primeiro capítulo, “Viagem à Grécia”, e também no canto xv de sua obra *Os mártires*. Na Grécia antiga, o Ilisso

nação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranquilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

---

era um rio divinizado, na região da Ática, que atravessava a cidade de Atenas e desaguava no golfo Sarônico, ao sul do Pireu.

||  
O emplasto

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é impossível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: *Emplasto Brás Cubas*. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia

e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a cousa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseguintemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.